

**VOZES, OLHARES E VIVÊNCIAS PÓS-COLONIAIS DE MULHERES  
SOMALIANAS EM *THE ORCHARD OF LOST SOULS*, DE NADIFA  
MOHAMED\***

**VOICES, VIEWS AND POST-COLONIAL EXPERIENCES OF SOMALI  
WOMEN IN *THE ORCHARD OF LOST SOULS*, BY NADIFA  
MOHAMED**

**Valeria Silva de OLIVEIRA\*\***

**Resumo:** *The Orchard of Lost Souls* (2014) é uma obra literária africana de expressão em língua inglesa. O enredo central se desenvolve principalmente através das vozes, das vivências e dos olhares de três personagens somalianas: Deqo, Filsan e Kawsar. A narrativa retrata uma Somália pós-colonial fragmentada, marcada por influências externas e conflitos internos. É a partir de um contexto sociopolítico adverso e, muitas vezes, imprevisível, que essas três mulheres de diferentes gerações buscam (sobre)viver, cada uma à sua maneira. Suas respectivas trajetórias marcadas de múltiplos encontros e desencontros, pretéritos e presentes, conduzem-nas por uma jornada de (re)descobertas e (re)construção de uma identidade atravessada pelo gênero, pela idade e por questões socioculturais locais e globais. O presente artigo apresenta uma breve análise do processo de rupturas identitárias e ressignificação das personagens, que são traduzidas transculturalmente pela escrita poética de Nadifa Mohamed, uma escritora britânica de origem somaliana. As reflexões suscitadas por esta breve análise foram realizadas a partir de teorias pós-coloniais e decoloniais, tendo em vista a necessidade de identificar e compreender as questões mediadas pelo discurso literário e suas formas de representação. O presente estudo revela, entre outras coisas, a importância da referida obra como um expressivo e potente meio de resgate e tessitura de memórias femininas historicamente silenciadas.

**Palavras-chave:** Estudos pós-coloniais. Memórias femininas. Mulheres somalianas. Literaturas africanas. Vozes somalianas.

**Abstract:** *The Orchard of Lost Souls* is an African novel written in English. The main plot unfolds mainly through the voices, life experiences and eyes of three Somali characters, namely, Deqo, Filsan, and Kawsar. The narrative portrays a fragmented post-colonial Somalia, characterized by foreign political influence and local conflicts. It is in this adverse, and many times unpredictable, sociopolitical context that the three women, of different generations, seek to survive in their own particular ways. Their trajectories, characterized by multiples encounters and separations, past and present, take them to a journey of (re)discoveries and (re)constructions of an identity crossed by gender, age, and local and global sociocultural issues. This paper presents a brief analysis of the process of identity ruptures and the characters' resignifications that are transculturally translated by Nadifa Mohamed's poetic writing. The transcultural nature of Mohamed's writing lies in the fact that she is a British writer born in Somalia. The reflections triggered by this brief analysis are supported by postcolonial and decolonial theories due to the need to identify and understand the issues mediated by literary discourse and forms of their representations. The paper reveals, among other things, the importance of Mohamed's novel as an expressive and powerful means of retrieving and weaving historically erased female memories.

---

\* O presente artigo baseia-se na pesquisa de doutorado realizada entre os anos de 2017-2019. Tese aprovada em dezembro de 2019 sob o título: Narrativas da diversidade africana: fragmentos, memória e resistência em *Black Mamba Boy* e *The Orchard of Lost Souls*, de Nadifa Mohamed e *A Grain of Wheat*, de Ngugi wa Thiong'o.

\*\* Doutora em Letras, área de concentração Estudos de Literatura, Especialidade Literaturas de Língua Inglesa (UERJ). Professora Adjunta de Língua Inglesa da Escola de Formação da Marinha Mercante (EFOMM). E-mail: voliveirj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4828-6768>.

**Keywords:** Post-colonial studies. Feminine memories. Somali women. African literatures. Somali voices.

*The Orchard of Lost Souls* (2014), de Nadifa Mohamed, publicada originalmente em 2013, foi traduzida no Brasil como *O Pomar das almas perdidas* (2016) e, entre algumas indicações, ganhou o prêmio literário britânico *Somerset Maugham Award* e o *Prix Albert Bernard*. A obra apresenta uma heterogeneidade de vozes, olhares e vivências narradas a partir de um contexto ficcionalizado marcado pelas experiências coloniais e pós-coloniais na Somália. Na contramão do imaginário estereotipado muitas vezes construído no Brasil a partir das notícias que nos chegam sobre a região, através dos mais diversos canais de comunicação, a obra desperta o leitor para outra Somália possível. De fato, na Somália da imaginação de Mohamed, as personagens femininas protagonizam a ressignificação de suas trajetórias individuais e mostram, talvez, um caminho para repensar questões locais representadas na narrativa. Além de analisar brevemente as personagens principais Deqo, Filsan e Kawsar a partir de estudos pós-coloniais e decoloniais, o presente artigo apresenta primeiramente uma breve biografia da autora.

A escritora Nadifa Mohamed nasceu em 1981, em Hargeisa, uma região localizada no noroeste da Somália. Sua mudança temporária para a Inglaterra, em 1986, teria se tornado permanente por conta da deflagração da guerra civil na Somália. Desde então, passou a frequentar os bancos escolares ingleses e, na fase adulta, estudou História e Política na Faculdade de St. Hilda, na Universidade de Oxford. Mohamed retornou novamente a sua terra natal, Hargeisa, apenas em 2008, quando a referida região já teria se tornado parte da nova República da Somalilândia.

O interesse pelas questões históricas e políticas que a levou a escolher sua formação no ensino superior, certamente norteou e serviu de inspiração em boa parte de sua escrita literária. Sua primeira obra, *Black Mamba Boy* (2010), por exemplo, é inspirada na juventude, nas experiências e vivências de seu pai marcadas pelo período colonial e por múltiplos deslocamentos geográficos e culturais. Segundo a autora, seu pai teria narrado fragmentos de sua memória transmitindo-os por meio da oralidade. Esses fragmentos nortearam suas pesquisas e sua escrita ficcional cuja materialização reescreve e rasura não só as aventuras e lutas pela sobrevivência de um jovem que amadurece entre seus múltiplos deslocamentos pelas porosas e conflituosas fronteiras do Chifre da África, mas também um momento histórico

significativo que viria impactar a Somália para a posterioridade. *Black Mamba Boy* recebeu indicação para vários prêmios e teria dado início a sua notável carreira como escritora. Além de escrever romances, Mohamed também escreve contos e artigos de opinião através dos quais avalia criticamente questões geopolíticas que atravessam o cotidiano de seu país de origem (MOHAMED, 2012a; 2012b).

Enquanto em sua primeira obra questões políticas e socioculturais que constituem a narrativa são apresentadas para o leitor, principalmente pelo olhar de um jovem somaliano que se desloca intensamente pelo tempo – de 1935 a 1947 – e pelas diluídas fronteiras do Chifre da África, *The Orchard of Lost Souls* (2014) focaliza na Hargeisa que se encontra às vésperas de uma guerra civil. É importante destacar que, na seção de agradecimentos da primeira edição americana, há uma lista de nomes de mulheres somalianas, entre elas sua mãe Zahra Farah Kahin, cujas histórias serviram de inspiração para a escrita da obra, segundo a própria autora (MOHAMED, 2014, p. 335)<sup>1</sup>. Mohamed também destaca uma lista de obras que, em suas palavras, teriam sido fontes inestimáveis. Entre essas obras encontram-se *Somalia - the Untold Story: the War Through the Eyes of Somali Women* (2004), editada e organizada por Judy el Bushra e Judith Gardner; *Daughters of Africa* (1992), editada por Margaret Busby, e *Somalia: a Government at War with Its Own People* (1990), um relatório organizado e editado por *The Africa Watch Committee*.

A obra *Somalia - the Untold Story: the War Through the Eyes of Somali Women* é uma coletânea de testemunhos de mulheres Somalis que sobreviveram de formas particulares aos diversos conflitos locais que assolaram a Somália pós-colonial. Segundo Bushra e Gardner (2004, p. 12)<sup>2</sup>, as vozes dessas mulheres revelam conhecimento sobre três questões gerais: “a experiência de conflito das mulheres, o impacto do conflito nas relações de gênero e a participação das mulheres na arena política e, em particular, nas iniciativas de paz”. Nesse sentido, os referidos testemunhos revelam não só o impacto das atrocidades de uma guerra civil na vida das mulheres somalianas, mas também as várias formas de agenciamento, luta e engajamento nas questões locais visando ao bem-estar de todos. O livro *Somalia: a Government at War with Its Own People* é um relatório organizado pelo Comitê a partir de testemunhos, que relatam as mortes e os conflitos no Norte. Finalmente, *Daughters of Africa* é uma antologia constituída pelas narrativas orais e/ou escritas dos mais variados gêneros discursivos (ensaios,

<sup>1</sup> Texto original: “First, I would like to thank my mother, Zahra Farah Kahin, from whose stories this book emanated [...]” (MOHAMED, 2013, p. 335). Todas as traduções, com exceção das indicadas nas referências, são de minha autoria.

<sup>2</sup> Texto original: “[...] women’s experiences of conflict, the impact of conflict on gender relations, and women’s participation in the political arena and in particular in Peace initiatives”.

poemas, memórias etc.), produzidas por mulheres africanas ou afrodescendentes desde o antigo Egito até a publicação da antologia.

A partir dessas fontes de pesquisa utilizadas por Mohamed e que foram destacadas no presente artigo como exemplificação, é possível observar a profícua seleção de documentos e narrativas que serviram de suporte para seu processo criativo, o qual culminou na obra *The Orchard of Lost Souls*. De fato, conforme sugere Rhea Rollmann (2015)<sup>3</sup>, “[...] os eventos e personagens que povoam o romance são baseados em dezenas de entrevistas, além de consideráveis pesquisas em arquivos, que Mohamed conduziu ao desenvolver o livro. Tendo estudado História em *Oxford*, essa parte do trabalho veio naturalmente para ela”. Assim, inspirada pelas memórias de seus familiares, entre elas sua mãe; pelos testemunhos de várias mulheres; pelas personalidades e acontecimentos históricos, a obra (re)constrói fragmentos de forma criativa e retrata uma Somália – mais especificamente Hargeisa - de 1987, que se encontrava sob o regime centralizador e totalitário imposto no período pós-colonial e às vésperas de uma guerra civil.

*The Orchard of Lost Souls* divide-se em três partes intituladas *Part One*, *Part Two* e *Part Three*. Em *Part One*, Deqo, Filsan e Kawsar surgem e guiam o leitor por terras desconhecidas. De fato, é por meio da tessitura dos fragmentos que se manifestam através das vozes, dos olhares e das vivências das três protagonistas que compreendemos a complexidade não só de cada personagem, mas também do contexto narrado (OLIVEIRA, 2018, p. 234). Kawsar é uma matriarca viúva, e é através dela que é possível compreender já no início da narrativa a dinâmica do contexto em que vivia:

Os homens e as mulheres da Guddi, a guarda de bairro do regime, passaram a noite gritando em megafones ordens sobre que roupa usar e onde se reunir. Todas as mulheres se vestiram com o mesmo traje tradicional [...]. (MOHAMED, 2016, p. 11-12)

As mães da revolução foram chamadas de sua cozinha, de suas tarefas, para mostrar a dignatários estrangeiros como o regime é amado, quanto elas são gratas pelo leite e pela paz que ele lhes trouxe. Ele precisa de mulheres que o façam parecer humano. (MOHAMED, 2016, p. 13)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Texto original: “[...] but the events and characters that populate the novel are based on dozens of interviews, in addition to considerable archival research, that Mohamed conducted as she developed the book. Having studied history at Oxford, this part of the work came naturally to her”.

<sup>4</sup> Texto original: “The men and women of the Guddi, the neighbourhood watch of the regime, have spent the night shouting orders through megaphones of what to wear and where to meet. The women have all dressed in the same traditional outfit [...]” (MOHAMED, 2014, p. 4).

“The mothers of revolutions have been called from their kitchens, from their chores, to show foreign dignitaries how loved the regime is, how grateful they are for the milk and peace it has brought them. It needs women to make it seem human” (MOHAMED, 2014, p. 5).

A cena destacada diz respeito às preparações de um evento político que abre a narrativa e que aconteceria no estádio local. Nas entrelinhas do tom irônico usado como um recurso retórico na escrita de Mohamed, observa-se a tentativa de subjugação de corpos femininos para fins de controle político e socioeconômico. Embora muitas regiões da África Oriental tenham conseguido declarar-se independentes após um longo período de intensa fragmentação, invasão, ocupação e exploração colonial, outros desafios se colocavam para a população local. Além da tentativa de objetificação e domesticação dos corpos femininos, é possível notar na passagem anterior que a dinâmica do período ‘pós-colonial’ teria, na verdade, passado por um processo de readaptação, tendo em vista indícios de uma possível manutenção de ‘velhos arranjos’ (SALGUEIRO, 2004, p. 31), que no caso em tela estariam representados pela notória dependência econômica com o estrangeiro.

Deqo, uma criança de nove anos de idade, aparece na primeira parte da narrativa como um corpo generificado que resiste à domesticação e acaba sendo punida por isso. Embora soubesse o que tinha de fazer durante a apresentação que ela e um grupo de crianças deveriam realizar no evento que seria realizado no estádio, ela não conseguia acertar os passos com a música. Na primeira oportunidade, Deqo foge daqueles que a tentavam subjugar e acaba se juntando à população em situação de rua na maior parte da narrativa, por não querer voltar para o campo de internamento. A invisibilidade à qual está condenado o seu corpo feminino, infantil, sem paternidade e maternidade conhecidas, e não-circuncisado a relega não só aos perigos de uma sociedade hostil, mas também a um não-lugar representado na narrativa pelas ruas e por espaços marginalizados pelos quais transitava livremente, apesar dos riscos.

Através de Filsan, o leitor tem acesso a outras questões que escapam aos olhos de Deqo e Kawsar. A personagem é militar, membro do exército somali, e teria sido movimentada, a pedido, da capital localizada ao sul da Somália, Mogadíscio, para o norte, com a missão de reprimir a rebelião que crescia na região. Orgulhosa por fazer parte do terceiro maior exército da África, durante o evento narrado na *Part One*, ela seria responsável por três unidades da *Guddi* e esperava despertar a atenção de seus superiores durante a execução da missão.

Este é o primeiro Vinte e Um de Outubro de Filsan em Hargeisa, e ele parece raquítico comparado ao que conheceu em Mogadíscio. Agora faz exatamente dezoito anos que o presidente ascendeu ao poder depois de um golpe militar, e as comemorações na capital mostram o sistema em sua melhor forma, todos trabalhando juntos para criar algo belo. (MOHAMED, 2016, p.14)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Texto original: “This is Filsan’s first October Twenty-first in Hargeisa and it seems ramshackle compared to what she knew in Mogadishu. It is now eighteen years exactly since the President’s rise to power after a military coup, and the celebrations in Mogadishu show the system at its best, everyone working together to create something beautiful” (MOHAMED, 2014, p. 7).

Apesar de toda compostura e dedicação a sua missão, seu corpo generificado se sobrepõe ao seu profissionalismo aos olhos de seus superiores, impedindo-a de alcançar seus objetivos por mérito. Após a encenação da cerimônia, Filsan se destaca e é convidada pelo general Haaruun para uma conversa que contaria com a presença de outras autoridades, inclusive internacionais. Durante o encontro, embora o general pareça, a princípio, reconhecer as qualificações profissionais das mulheres somalis no campo militar, ele não hesita em constrangê-la publicamente:

— Eu estava justamente dizendo a nosso amigo americano como as mulheres somalis são fortes, que não temos nenhum *purdah*<sup>6</sup> aqui. As mulheres trabalham, combatem em nossas forças armadas, servem como engenheiras, espãs, médicas. Não é assim?  
 — Com toda a certeza, nós não somos como outras mulheres – ela assente fervorosamente. [...]  
 — Olhe, amigo ... – o general Haaruun agarra a mão de Filsan e a ergue, depois a faz girar. — Você vai me dizer que as mulheres americanas podem ser treinadas para matar e ainda terem uma aparência tão boa?  
 Filsan fixa o olhar no chão; pode sentir outros olhos examinando-a de cima a baixo [...]. (MOHAMED, 2016, p. 37-38)<sup>7</sup>.

A cena retrata uma tentativa frustrada de reconhecimento profissional em um contexto construído a partir de narrativas patriarcais que limitam, apagam e relegam o corpo feminino a um lugar estereotipado. Segundo Linda McDowell (1999, p. 21)<sup>8</sup>, “Por mais fluida e variável que seja a construção social de versões de feminilidade e masculinidade, ainda é prática habitual supor que as primeiras construções são inferiores às segundas e que os homens enquanto grupo estão envolvidos na dominação das mulheres”. Nesse sentido, os sonhos, a autonomia e a independência financeira de Filsan são cerceados ao longo da narrativa por formas específicas e diversas de opressão e marginalização.

Conforme já sugerido no presente artigo, em *Part One*, Deqo, Filsan e Kawsar se encontram acidentalmente durante um evento organizado pelo Estado, o festival de vinte e um

<sup>6</sup> Nota da autora: *Purdah* seria um costume praticado em algumas sociedades muçulmanas e hindus, em que as mulheres permanecem em uma parte especial da casa ou cobrem seus rostos e corpos para evitar serem vistas por homens que não estão relacionados a elas.

<sup>7</sup> Texto original: “‘I was just telling our American friend how strong Somali women are, that we don’t have any of that **purdah** here. Women work, they fight in our military, serve as engineers, spies, doctors. Isn’t it so?’ / ‘Absolutely, we are not like other women.’ She nods fervently. [...] / ‘Look, buddy ...’ General Haaruun grabs Filsan’s hand and raises it before twirling her around. ‘You are going to tell me that American women can be trained killers and still look this good?’ / Filsan fixes her gaze to the floor; she can feel others looking her up and down [...]” (MOHAMED, 2014, p. 33).

<sup>8</sup> Texto original: “‘However fluid and variable the social construction of versions of femininity and masculinity, it is still habitual practice to assume that the former constructions are inferior to the latter and so men as a group are implicated in the domination of women’”.

de outubro<sup>9</sup>. Após esse repentino e breve encontro que afeta de uma forma peculiar a trajetória das três personagens, cada uma delas segue sua jornada individual, a qual é narrada na seção intitulada *Part Two*. A *Part Two* é subdividida em três capítulos nomeados *Deqo*, *Kawsar* e *Filsan*. Na *Part Three*, as três personagens se reencontram acidentalmente e conduzem a narrativa para um final emocionante e imprevisível.

Memórias em fragmentos tecem a narrativa e apresentam um passado que se faz presente, e um presente que não seria possível sem as feridas coloniais do passado. Na contramão de explicações essencialistas sobre a situação política e socioeconômica somaliana, os rastros de memória de Kawsar apresentados por um narrador onisciente preenchem de forma significativa as lacunas deixadas pelo tempo.

Nos anos 1960, a enchente que Kawsar viveu no extremo sul parecia um castigo divino [...]. Essa foi a primeira vez que o jovem país teve necessidade de mendigar aos ex-governantes coloniais, e desde então o governo não parou de pedir; em inundações e períodos de fome, de tratores a máquinas de raio X, esteiras de prece voltavam-se para o Ocidente e joelhos dobravam-se em súplica.

Desde a partida dos italianos e dos britânicos, o país parecia sitiado por dificuldades, fossem naturais, fossem econômicas ou políticas. Os europeus deviam ter deixado uma maldição profunda quando foram embora, despertando em sua esteira *jinn*s mortos havia muito tempo, para transformar tudo em areia e lixo, como Oodweyne. [...] Ele deslizara para o poder quase sem ser percebido depois do assassinato do último presidente eleito [...]. (MOHAMED, 2016, p. 167-168)<sup>10</sup>.

Conforme análise apresentada em *Narrativas da diversidade africana: fragmentos, memória e resistência em Black Mamba Boy e The Orchard of Lost Souls*, de Nadifa Mohamed e *A Grain of Wheat*, de Ngugi wa Thiong'o (OLIVEIRA, 2019, p. 202), a Somália de Kawsar foi fatiada arbitrariamente pelos colonizadores europeus, principalmente os italianos e os ingleses, e deixada a sua própria sorte após as lutas de independência. Sem estruturas para se reerguer da violenta catástrofe natural que teria deixado a Somália em um estado de calamidade na década de sessenta, o país teria se voltado para a renovação dos laços de dependência com o estrangeiro que, segundo informa o narrador por meio da consciência de Kawsar, permaneceria até o tempo presente da narrativa. A vivência impressa na memória de Kawsar sugere que o

<sup>9</sup> A referida data faz alusão a um fato histórico que aconteceu na Somália em 1969. Em 21 de outubro de 1969, o poder teria sido tomado por oficiais militares liderados pelo General Mohamed Siad Barre.

<sup>10</sup> Texto original: “The flood she [Kawsar] had seen in the far south in the sixties had seemed like a divine punishment [...]. It was the first time the young country had needed to beg the former colonial rulers, and since then the government hasn’t stopped asking; from floods to famine to tractors and x-ray machines, prayer mats turned to the west and knees bent in supplication. / Ever since the Italians and British had gone, the country had seemed besieged by difficulties, whether natural, economic or political. The Europeans must have left a bone-deep curse as they were departing, raising long-dead *jinn*s like Oodweyne in their wake to turn everything to sand and waste. [...] He had slipped into power almost unseen following the assassination of the last elected president [...]” (MOHAMED, 2014, p. 186-187).

caos político, econômico, social, além de um rascunho de um modelo europeizado ineficaz de nação, teriam sido os legados do período colonial e levado à ascensão da figura ditatorial de Oodweyne.

A passagem destacada exemplifica em parte o que Ngugi wa Thiong'o (2009) define como '*dismembering practices*' e seus efeitos. Essas 'práticas de desmembramento' não só territorial, mas também do corpo e da alma, com a tentativa de implementação de vários processos de aculturação, por exemplo, faziam parte de um conjunto de práticas coloniais adotadas em território africano principalmente no final do século XIX. Essas práticas, que adentraram também o século XX, sustentavam e fortaleciam uma política imperialista cujo objetivo principal era a expansão territorial e o poder econômico e político.

No entanto, apesar de todas as tentativas de subjugação e exploração por parte do colonizador e, posteriormente, pela ganância de (des)governos locais, observa-se, nos interstícios da memória de Kawsar, uma resistência ao apagamento de sua subjetividade. Na passagem anterior, por exemplo, a matriarca se apoia em uma figura mística, os *jinnns*, habitantes do deserto, para explicar os problemas que assolavam o país. Da mesma forma, temáticas que versam sobre Deus, vida e morte são compreendidas a partir de um livro que vai de encontro à narrativa construída e imposta pelo Outro colonizador:

[...] lembrando-a da *sura* do Corão que compara Alá a uma lâmpada e seus adoradores, a mariposa. Talvez a árvore mitológica na lua seja o destino das mariposas e a luz brilhante sirva apenas para marcar sua rota; esta árvore singular desenvolve uma folha a cada nascimento, e, quando esta cai, o mesmo acontece com a vida ligada a ela. A folha de Kawsar deve estar dependurada pelo mais frágil dos fios, e até a batida das asas de uma mariposa seria suficiente para rompê-lo. (MOHAMED, 2016, p. 148-149)<sup>11</sup>.

Assim como Kawsar, Filsan também se apoia no passado para melhor entender as circunstâncias que a envolviam no tempo presente da narrativa e, mais especificamente, a sua própria condição. É importante destacar a engenhosidade da escrita de Mohamed, que ao longo da narrativa se apropria de acontecimentos históricos que marcaram o Chifre da África para descrever de forma metafórica as vivências das personagens. É o caso, por exemplo, da passagem da narrativa em que Filsan reflete sobre os problemas de relacionamento entre seu pai e sua mãe e como ela percebia o seu lugar no meio dessa relação conflituosa: “‘Refém dele’,

<sup>11</sup> Texto original: “[...] reminding her of the *sura* in the Qu’ran that compares Allah to a lamp and his worshipers to moths. Maybe the fabled tree on the moon is the moths’ destination and the bright light is just to mark their route; that singular tree grows a leaf with every birth and when it drops so does the life attached to it. Her own leaf must be hanging by the most fragile of strands that even the beat of a moth’s wings would be enough to break its hold” (MOHAMED, 2014, p. 164-165).



era como a mãe sempre a chamara. O pai de Filsan só dera o divórcio à mãe com a condição de que ela deixasse Filsan para ele. Ela aceitou a condição, mas desde então a filha se tornara seu Ogaden, seu pequeno pedaço de terra disputada” (MOHAMED, 2016, p. 224)<sup>12</sup>. Ogaden é uma região localizada entre Etiópia e Somália que teria sido objeto de disputa entre italianos e ingleses e palco de intensos conflitos entre etíopes e somalianos, com grandes perdas materiais e humanas (BRANDÃO, 2018).

Filsan é uma personagem complexa que compartilha com Deqo e Kawsar o sentimento de abandono e solidão na Hargeisa de 1987 representada na narrativa. Suas escolhas, suas crenças e seus valores construídos ao longo de sua vida passam a ser questionados e reavaliados na medida em que a região caminhava para a eclosão de uma guerra civil. Filsan observava uma “cultura de venalidade” (MOHAMED, 2016, p. 185) permeando um sistema ao qual teria dedicado a vida e se esforçado diariamente para manter, mas do qual começava a distanciar-se em seus pensamentos: “Eles não têm nenhuma preocupação com o país ou a revolução; trata-se simplesmente de conseguir vantagens.” (MOHAMED, 2016, p. 185)<sup>13</sup>. O distanciamento se apresenta claramente na passagem destacada anteriormente através do pronome “eles”, o qual se contrapõe aos pronomes de primeira pessoa, seja ele singular ou plural.

Assim como a manifestação das profundas reflexões de Filsan, a onisciência do narrador apresenta para o leitor as questões que levavam a personagem a indagar as crenças nas quais acreditava com convicção e que as guiaram até aquele momento. Assim, esse narrador, que detém o saber pleno sobre os acontecimentos, traduz para seu leitor sentimentos que atravessavam a personagem: “[...] inadequada para o mundo real, uma aberração” (MOHAMED, 2016, p. 202)<sup>14</sup>. Filsan percebia seu mundo interno e externo despedaçar de forma acelerada e descontrolada. Com o escalonamento das tensões entre a população local, ela sentia aumentar também a necessidade de tomar as rédeas de sua própria vida.

Da mesma forma que Filsan, Deqo contribui para a construção de um imaginário sobre a Somália a partir de suas vivências e seus olhares específicos. Conforme sugere Elizabeth M. Perego, “[...] personagens tão diversos trazem à vida as experiências variadas das mulheres na Somália no final dos anos 80, enfatizando a natureza complexa de suas personalidades e

---

<sup>12</sup> Texto original: “‘His hostage’, that is what her mother had always called her. Filsan’s father had only given her mother a divorce on the condition that she left Filsan to him, for him. She had accepted his condition, but from then on the child had become the Ogaden, their little piece of disputed earth” (MOHAMED, 2014c, p. 256).

<sup>13</sup> Texto original: “They have no concern for the country or the Revolution; it is simply a case of what they can get for themselves” (MOHAMED, 2014c, p. 211).

<sup>14</sup> Texto original: “unsuited for the real world, a freak” (MOHAMED, 2014c, p. 230).

identidades múltiplas” (PEREGO, 2019, p. 25)<sup>15</sup>. A jovem orfã de nove anos de idade, sem sapatos e sem-teto, vive em condições adversas e marcada por um permanente estado precariedade. Na narrativa, Deqo estaria relegada à marginalidade não só pela condição de gênero e classe, mas também por desconhecer o clã ao qual pertencia. De fato, no contexto em tela, o conhecimento dos nomes de seus antepassados poderia garantir abrigo e proteção por pessoas desconhecidas que compartilhavam do mesmo sobrenome, segundo as regras estabelecidas pelas relações de parentesco na referida cultura.

No entanto, a narrativa também mostra a tentativa de dismantelamento de tradicionais formações de laços parentais. Autoridades locais defendiam o fim do “tribalismo”, o uso do termo “companheiro” em substituição aos sobrenomes que outrora identificavam a família ou um clã específico. Tais mudanças eram justificadas pela expectativa de recomeço que viria após as lutas de independência. A narrativa falaciosa de recomeço era construída através de faixas contendo as seguintes mensagens: “Morte ao tribalismo”, “Camaradas, não inimigos” e “Um novo amanhecer” (MOHAMED, 2016, p. 204)<sup>16</sup>. Tais mensagens, por exemplo, teriam sido visualizadas por Filsan ainda jovem, quando morava em Mogadíscio, durante um comício do governo no Parque Dervixe, e resumiam a nova filosofia que era anunciada por um membro do partido: “[...] não se pergunta a qual clã a pessoa pertence, não se fala sobre tribos de classe alta ou classe baixa, não são dadas vantagens àqueles que são seus parentes. [...] isso ficava para antiquados e fracassados” (MOHAMED, 2016, p. 204)<sup>17</sup>.

A extinção do sistema de clãs configura-se como uma das várias tentativas de apagamento da diversidade local representadas na narrativa. Trata-se da perpetuação do que Édouard Glissant (2005) denominou, em *Introdução a uma poética da diversidade*, como “pensamento de sistema” e “sua falsa universalidade”. Conforme apontamos anteriormente, “Segundo Glissant, o pensamento de sistema era a base do sistema colonial e se materializava principalmente através da implementação de múltiplas práticas de opressão e apagamento do Outro” (OLIVEIRA, 2019, p. 201). Boaventura de Souza Santos (2010) nomeia esse pensamento moderno ocidental que se fundamenta no princípio da invisibilidade de ‘pensamento abissal’. Santos explica que a dinâmica do pensamento abissal se caracteriza, entre outras coisas, pela visibilidade de formas de pensar ocidentais em detrimento dos “[...]”

<sup>15</sup> Texto original: “Such diverse bring to life women’s highly varied experiences in Somalia in the late 1980s, while emphasizing the complex nature of their personalities and multiple identities” (PEREGO, 2019, p. 25).

<sup>16</sup> Texto original: “Death to tribalism”; “Comrades not enemies”; “A new dawn”.

<sup>17</sup> Texto original: “[...] you don’t ask what clan anyone is from, you do not talk about high-class or low-class tribes, you do not give advantages to those related to you. [...] that was for old-timers and losers” (MOHAMED, 2014, p. 233).

conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha” (SANTOS, 2010, p. 33). Os entrelaçamentos entre os acontecimentos passados e presentes da narrativa sugerem que as complexas relações coloniais contribuíram para instaurar uma forma universalizante de pensamento que vai de encontro à diversidade que alicerça a formação de grupos étnicos africanos que residem no Chifre da África.

É importante destacar que, no “outro lado da linha” de Santos (2010), encontram-se também as mulheres somalis historicamente marginalizadas pelo gênero e pela classe, conforme sugere a ganense Mercy Amba Oduyoye (1995):

Na África, a própria ideia de uma “mulher livre” evoca imagens negativas. Fomos criadas para acreditar que uma mulher deve sempre ter um suserano, que ela deve ser “possuída” por um homem, seja ele pai, tio ou marido.[...] Uma mulher adulta, se não for casada, é imediatamente considerada disponível para o prazer de todos os homens e é tratada como tal. (ODUYOYE, 1995, p. 5)<sup>18</sup>.

Deqo, Kawsar e Filsan são mulheres livres que questionam e transgridem o *status quo*, cada uma à sua maneira, a partir de seus respectivos *locus* de enunciação. Embora todas as protagonistas acabem sendo afetadas psicologicamente e/ou fisicamente em reposta às suas tentativas de ruptura, elas existem, resistem e deixam uma mensagem importante sobre o papel da sororidade feminina em um contexto predominantemente patriarcal. Na epígrafe de *The Orchard of Lost Souls*, a escritora convida sutilmente o leitor a se desfazer de esquemas de interpretação estruturadas em bases patriarcais: “Se a primeira mulher que Deus criou foi forte o suficiente para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas as mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente! - Sojourner Truth, *E não sou mulher?*” (MOHAMED, 2016, n. p.)<sup>19</sup>. Sem o descarte desse esquema, torna-se impossível compreender a natureza complexa e a força de cada personagem feminina que constitui a narrativa.

A epígrafe citada anteriormente também anuncia uma narrativa de mulheres em ação. Conforme sugerem Dahabo Farah Hassan *et al* (1997, p. 166)<sup>20</sup> em *Somalia - the Untold Story: the War Through the Eyes of Somali Women* (2004), “as mulheres somalis, sejam nômades ou

<sup>18</sup> Texto original: “In Africa, the very idea of a “free woman” conjures up negative images. We have been brought up to believe that a woman should always have a suserain, that she should be “owned” by a man, be he father, uncle, or husband. [...] An adult woman, if unmarried, is immediately reckoned to be available for the pleasure of all males and is treated as such”.

<sup>19</sup> Texto original: “If the first woman God ever made was strong enough to turn the world upside down all alone, these women together ought to be able to turn it back, and get it right side up again! – Sojourner Truth, ‘*Ain’t I a woman?*’” (MOHAMED, 2014).

<sup>20</sup> Texto original: “Somali women, whether nomadic or urban, have never been submissive, either to natural calamities or to social oppression”.

urbanas, nunca foram submissas, nem às calamidades naturais nem à opressão social”. De fato, em *The Orchard of Lost Souls*, há a representação de outras mulheres – não só as protagonistas – envolvidas em várias formas de resistência e luta contra a opressão social. Protestos locais eram frequentes e, mesmo que resultassem eventualmente em alguma fatalidade, como teria sido o caso de Hodan, filha de Kawsar, a determinação das mulheres somalianas na busca por melhores condições de vida se sobrepunha a qualquer tentativa de coação por parte das autoridades locais. Nurto, a jovem responsável por cuidar de Kawsar, teria dito em meio a acirramento das tensões: “— Vou sair em um protesto amanhã com os estudantes. [...] Para que eles parem com as execuções em Birjeeh” (MOHAMED, 2016, p. 154)<sup>21</sup>.

Para encerrar o presente artigo, é importante destacar a importância da escrita de Nadifa Mohamed na contemporaneidade. Tendo em vista o complexo cenário sociopolítico o qual inspira a imaginação de Mohamed, *The Orchard of Lost Souls* se revela como uma narrativa que contesta e transgredir qualquer forma essencialista e simplificada de representação do mundo pós-colonial das mulheres somalianas. Traduzida para diversas línguas, sua escrita leva, para outros espaços geográficos, vivências, vozes e olhares incisivos de mulheres somalianas protagonistas de suas próprias vidas e em luta pela sobrevivência. Ao criar personagens femininas protagonistas de suas próprias histórias, Mohamed rompe não só com o discurso patriarcal e o histórico silenciamento das mulheres somalis, mas também com as estruturas de um romance tradicional centrado nas personagens masculinas. Além de contribuir para rasura e desconstrução de narrativas eurocentradas e essencialistas sobre o Chifre da África, mais especificamente a Somália, e sobre as mulheres que ali vivem, sua escrita pode ser entendida também como uma das muitas “formas africanas de autoinscrição” existentes (MBEMBE, 2001).

## Referências

AFRICA WATCH COMMITTEE. **Somalia: A Government at War with Its Own People**, 1990. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/1990/01/31/government-war-its-own-people/testimonies-about-killings-and-conflict-north>. Acesso em: 07 ago. 2021.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. Excertos da geografia somali na literatura: uma apreciação da obra “O pomar das almas perdidas”. **Geosul**. Florianópolis, v. 33, n. 68, p. 350-368, set./dez. 2018. Disponível em:

<sup>21</sup> Texto original: “‘I’m going to go on a protest tomorrow with the students.’ [...] ‘To make them stop the executions at Birjeeh.’” (MOHAMED, 2014, p. 171).

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2018v33n68p350>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BUSBY, Margaret. (ed.). **Daughters of Africa**. New York: Ballentine Books, 1992.

BUSHRA, Judy el; GARDNER, Judith. **Somalia – the Untold Story: The War Through the Eyes of Somali Women**. London: Pluto Press, 2004.

HASSAN, Dahabo Farah.; ADAN, Amina H.; WARSAME, Amina Mohamoud. Somalia: Poetry as Resistance against Colonialism and Patriarchy. In: WIERINGA, Saskia. (ed.). **Subversive Women: Women's Movements in Africa, Asia, Latin America and the Caribbean**. London and New Jersey: Zed Book Ltd, 1997. p. 165-182.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

McDOWELL, Linda. **Gender Identity & Place: Understanding Feminist Geographies**. United Kingdom: Polity, 1999.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, São Paulo, ano 23, n. 1, p. 171-209. 2001a, Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2001000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2001000100007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 09 jan. 2018.

MOHAMED, Nadifa. **Black Mamba Boy**. New York: Picador, 2010.

MOHAMED, Nadifa. The Way to a New Somalia. Publicado em 4 mar. 2012a. **The Guardian**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/mar/04/way-new-somalia-london-conference>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MOHAMED, Nadifa. Fragments of a Nation. **Granta**. Publicado em: 24 maio 2012b. Disponível em: <https://granta.com/fragments-of-a-nation/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MOHAMED, Nadifa. **The Orchard of Lost Souls**. New York: Picador, 2014.

MOHAMED, Nadifa. **O pomar das almas perdidas**. Tradução Otacílio Nunes. São Paulo: Tordesilhas, 2016.

ODUYOYE, Mercy Amba. **Daughters of Anowa: African Women & Patriarchy**. New York: Orbis Books, 1995.

OLIVIERA, Valeria Silva de. A Somália da Imaginação de Nadifa Mohamed: uma poética da diversidade. In: HENRIQUES, A.L.S.; MONTEIRO, M.C. (Org.). **Escritos discentes em literaturas de língua inglesa**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. p. 228-236.

OLIVEIRA, Valeria Silva de. **Narrativas da diversidade africana: fragmentos, memória e resistência em Black Mamba Boy e The Orchard of Lost Souls, de Nadifa Mohamed e A Grain of Wheat, de Ngugi wa Thiong'o**. 2019. 297f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PEREGO, Elizabeth.M. Front and Center on the Global Stage: African Women in Contemporary Novels. In: ACHEBE, Nwando; ROBERTSON, Claire. (Ed.). **Holding the**

**World Together:** African Women in Changing Perspective. United States of America: The University of Wisconsin Press, 2019. p. 21-39.

ROLLMANN, Rhea. **Nadifa Mohamed:** writing the lives of Somalia's women. Publicado em 23 jun. 2015. Disponível em: <https://www.popmatters.com/194787-nadifa-mohamed-2495514628.html?rebelltitem=1#rebelltitem1>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escritoras negras contemporâneas:** estudos de narrativas – Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

THIONG'O, Ngugi. wa. **Something Torn and New: An African Renaissance.** New York: BasicCivitas Books, 2009.

Recebido em: 11/08/2021

Aceito para publicação em: 08/10/2021